



doi: 10.20396/rfe.v12i3.8661983

Parentalidade e Desenvolvimento Infantil em tempos de Pandemia

Yara Rodrigues de la Iglesia¹

Resumo:

A situação de pandemia gerada pela COVID-19 é, sem dúvida, um dos acontecimentos mais extremos que a sociedade está tendo que enfrentar neste século, tanto por sua extensão, como pela duração, previsível continuidade e consequências. Este artigo aborda os diferentes estilos educativos parentais, objetivando subsidiar reflexões sobre a parentalidade e a adaptação psicossocial das crianças diante da pandemia. A fundamentação teórico-conceitual está baseada nos estilos educativos parentais a partir da abordagem tipológica. De acordo com a literatura, pais com um estilo educativo autorizativo e indulgente podem contribuir para que as crianças enfrentem adversidades de maneira mais adaptativa.

Palavras-chave: Pandemia. Estilos educativos parentais. Desenvolvimento Infantil.

Abstract:

The pandemic situation generated by COVID-19 is undoubtedly one of the most extreme events that society is having to confront in this century, both for its extension and duration, its foreseeable continuity, and its consequences. This article addresses the different parenting educational styles, aiming to support reflections on parenting and children's psychosocial adaptation in the face of the pandemic. The theoretical-conceptual foundation is based on the

¹ Doutora em Educação na linha de Psicologia da Educação e Mestre em Educação na linha de Formação Pessoal e Social (ambos pela Universidade de Lisboa). Tese aprovada por unanimidade com Distinção e Louvor. Especialista em Psicopedagogia Clínica (PUC - Porto Alegre), Máster em Sexologia e Gênero (Instituto de Sexologia Al-Andaluz- Espanha) e Licenciada em Pedagogia (ULBRA- Porto Alegre). Atualmente é professora do curso presencial de Pedagogia e 2ª Licenciatura na Faculdade São Braz e professora tutora do Curso de Pedagogia EAD.

parenting educational styles from the typological approach. According to the literature, parents with an authoritative and indulgent educational style can help children to face adversity more adaptively.

Keywords: Pandemic. Parenting educational styles. Child development.

Introdução

A crise sanitária gerada pela COVID-19, além do trágico custo de vidas humanas, acentuou a crise econômica e social estrutural de nosso tempo, cujo alcance ainda desconhecemos. Entre as medidas adotadas pelas autoridades sanitárias, destaca-se o distanciamento social, medida necessária para achatar a curva de transmissão do vírus, o qual alterou bruscamente as rotinas familiares.

O igualmente necessário fechamento das escolas foi a ação que mais impactou as rotinas das crianças e suas famílias. Além disso, as crianças podem também se ver afetadas pelo desemprego dos pais ou pela redução salarial, questões que reforçam a desigualdade social existente no Brasil antes do confinamento.

O distanciamento social, medida adotada pelas autoridades sanitárias, tem intensificado o convívio familiar. As crianças que passavam grande parte do dia com seus avós ou outros familiares, na creche ou na escola, agora estão em casa.

Na literatura, a família, independentemente da cultura na qual estiver inserida e do arranjo familiar, é apontada como o primeiro contexto socializador. Mesmo que não seja o único, é, no entanto, atribuída a ela a responsabilidade formal pelo cuidado e educação das crianças. Cabe à família tornar as realidades extrafamiliares compreensíveis para as crianças, satisfazendo as necessidades de afeto, confiança e segurança de seus filhos (Palacios e Moreno, 1994).

Embora as crianças não sejam consideradas um singular grupo de risco para a COVID-19, posto que existem indícios de que a taxa de mortalidade

nesse grupo etário é relativamente menor em comparação a outras categorias, como adultos e idosos (Jiao et al, 2020), não podemos ignorar que todas estão suscetíveis às repercussões psicossociais da pandemia e do isolamento social.

Perante o exposto, este artigo tem o objetivo de contribuir com a discussão sobre a parentalidade e a adaptação psicossocial das crianças diante da pandemia da COVID-19. A fundamentação teórico-conceitual está baseada em uma abordagem tipológica dos estilos educativos parentais, a partir de um modelo de quatro tipologias de parentalidade (autoritária, autorizativa, indulgente e negligente). Esse modelo é frequentemente utilizado em estudos da influência das interações parentais no desenvolvimento das crianças (Ducharme et al, 2006).

Com este trabalho, por meio de revisão da literatura, pretende-se estabelecer algumas relações entre os quatro estilos educativos parentais e a adaptação psicossocial das crianças, as quais possam contribuir com as discussões sobre a pandemia da COVID-19.

A pandemia na infância

COVID-19 é o termo usado para a doença clínica causada pelo Sars-CoV-2. Em face do rápido crescimento do número de mortos, foi declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020 (Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS, on-line).

As crianças, que passavam grande parte do dia com familiares, na creche ou na escola, agora estão em casa. No Brasil, a escola pública é um direito social fundamental, constituindo-se equipamento essencial à efetivação e garantia de direitos das crianças. Com o fechamento das escolas, o cuidado e a educação das crianças, que antes eram compartilhados com uma rede de apoio, agora devem ser assumidos integralmente pelas famílias.

Ademais, com o confinamento, as famílias estão tendo que lidar com o medo de adoecer, de perder pessoas queridas, muitas estão realizando o trabalho de maneira home office, assumindo ao mesmo tempo os afazeres domésticos e o cuidado com as crianças. Outras famílias perderam seus

trabalhos e enfrentam sérias dificuldades econômicas, vivendo em situações precárias, convivendo com muitos moradores em espaços diminutos, mal ventilados e sem acesso a saneamento básico.

O Fundo das Nações para a Infância (Unicef) adverte que “as tensões acumuladas com temores sobre a pandemia, a intensa convivência familiar, a sobrecarga de tarefas domésticas e o *home office* ou a falta de emprego e renda podem ser geradoras ou agravantes de conflitos e violências em muitos lares” (Unicef, on-line). Os diversos estressores “característicos desse período podem aumentar a chance de violência e os desfechos negativos à saúde física e mental das crianças” (Fiocruz, 2020, on-line).

Nesse sentido, Marques et al., (2020, p. 1) destacam que “uma questão que vem sendo pouco discutida por pesquisadores [...] são as repercussões do distanciamento social no relacionamento interpessoal, especialmente entre parceiros íntimos e entre pais e filhos”.

No que se refere aos possíveis impactos da pandemia no desenvolvimento das crianças, sabe-se que podem ser significativos. Entretanto, temos poucas evidências científicas de como isso ocorre no nível da adaptação psicossocial e afetiva das crianças (Muratori e Ciacchini, 2020)

Um estudo publicado por Liu et al., (2020), na China, sugere que, durante o distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19, as crianças estão mais vulneráveis a depressão, estresse, ansiedade, comportamentos evitativos e transtorno de estresse pós-traumático. Os autores alertam para que se considerem estratégias de intervenção psicológica, relacionadas ao sofrimento mental das crianças em quarentena.

Em um outro estudo, realizado por Grechyna (2020) com famílias espanholas, a pesquisadora discute as potenciais ameaças à saúde da criança relacionadas a uma estadia prolongada em ambientes fechados. De acordo com a autora, o confinamento pode provocar a diminuição de atividades físicas, o acréscimo do tempo utilizando telas, o aumento da obesidade e o afastamento da natureza.

No estudo efetuado com 320 crianças e adolescentes, empreendido por Jiao et al., (2020) na China, os sujeitos da pesquisa apresentaram maior distração, irritabilidade e medo de fazer perguntas sobre a pandemia da COVID-19. Por outro lado, no mesmo estudo, em um questionário preenchido pelos pais, estes apontaram que seus filhos tiveram medo de perguntar sobre a saúde de familiares, além de terem constatado aumento de pesadelos, perda de apetite, desconforto físico, agitação, distração, aderência/adesividade e ansiedade de separação.

Os autores concluem a pesquisa sugerindo algumas estratégias propostas por pediatras chineses para aumentar a resiliência em crianças e adolescentes afetados pelas consequências psicológicas da COVID-19. Tais estratégias incluem uma maior comunicação com as crianças para que elas possam lidar melhor com seus medos e preocupações, jogar jogos colaborativos para aliviar a solidão, estimular atividades que promovam a atividade física e usar a musicoterapia na forma de canto para reduzir a preocupação, medo e estresse que a criança possa vir a sentir (Jiao et al., 2020).

Se a família é o contexto em que ocorre a maior parte das aprendizagens infantis, sendo considerada por muitos teóricos como o contexto mais importante de socialização (Fleming, 1993), entende-se que uma revisão da literatura sobre os diferentes estilos educativos parentais e suas implicações sobre os filhos pode contribuir no debate referente à adaptação psicológica e social das crianças no contexto da pandemia da COVID-19.

Estilos educativos parentais

O uso do conceito de parentalidade é recente em pesquisas científicas, começando em países anglófonos. Para Valsiner, Branco e Dantas (1997, apud Barroso e Machado, 2010, p. 211), o vocábulo *parenting* não pode ser diretamente traduzido para outras línguas (e.g., português, russo, alemão, espanhol, entre outras), embora seja um termo utilizado frequentemente na literatura científica. Na tentativa de aproximação de uma definição de

parentalidade, podemos entendê-la como um “conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais [...] junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (Cruz, 2005, p. 13), de modo a socializar a criança e atingir o objetivo de torná-la progressivamente mais autônoma (Maccoby, 2000).

A parentalidade tem sido amplamente estudada, particularmente, os estilos educativos parentais. Ao longo das últimas décadas, pesquisadores de diferentes disciplinas se concentraram em analisar a influência da família na educação dos filhos, uma vez que a pesquisa empírica tem mostrado repetidamente que os diferentes comportamentos dos pais no processo de socialização têm diferentes implicações para o bem-estar de seus filhos (Baumrind, 1967; Becoña et al., 2012; Rodrigues, 2013).

A noção de família aqui adotada leva em conta as mais diversas composições familiares existentes na contemporaneidade, tais como: famílias monoparentais, famílias com pais separados, famílias biparentais, famílias reconstituídas, famílias com casais homoafetivos, famílias com filhos adotivos, entre outras. Independentemente das configurações, a família continua exercendo funções primordiais no processo de desenvolvimento de seus membros.

Para Kuczynski e Grusec (1997), os pais² são as pessoas que se encontram, potencialmente, na melhor posição para proporcionar uma socialização adequada e pró-social aos seus filhos. Para os autores, existe uma predisposição biológica para a centralidade do sistema parental e, do ponto de vista social, a responsabilidade formal pela educação dos filhos primeiramente é atribuída aos pais. Outro aspecto defendido pelos autores é o fato de os pais compartilharem mais tempo e os mesmos espaços com os filhos, permitindo-lhes compreender e monitorizar o comportamento dos filhos melhor do que qualquer outra pessoa.

Mesmo que haja muitas maneiras de modificar ou reduzir o impacto da socialização parental, e apesar da multiplicidade dos agentes a considerar, à

² Pais biológicos ou adotivos ou quem exerça a função de cuidados.

família, mais especificamente aos pais, é que se confere o papel de socialização da criança (Cruz, 2005). Nessa perspectiva, os pais continuam a ser o mais importante contexto de socialização, convertendo-se em mediadores em relação a outros agentes (relações escolares, interações com outras crianças, religião, meios de comunicação de massa, entre outros). Contudo, essa maior capacidade de influência não significa que os filhos tenham um papel meramente passivo na socialização (Musitu; Cava, 2001).

Schaffer (1989) ressalta a criança como um ser participante e ativo do seu próprio desenvolvimento social e argumenta sobre a importância e o significado da interdependência entre pais e filhos nos seus intercâmbios sociais. Por esse ângulo, os processos de socialização que ocorrem durante a infância são frutos da influência bidirecional. Nessa lógica, o processo de socialização é uma combinação de interações, em que indivíduos de diferentes gerações interagem ativamente, influenciando-se mutuamente, tornando-se assim membros de uma sociedade e cultura. Importante destacar que essas interações formam parte de um processo de aprendizagem não formalizado e em grande parte inconsciente.

Longe de ser uma socialização vertical, o resultado final é uma construção conjunta com o comportamento de um modificando e alterando o comportamento do outro. Cada membro da família pode influenciar o outro com o seu comportamento, as suas atitudes, os seus sentimentos e os seus valores. Portanto, o processo de socialização é dinâmico e complexo. Além disso, é provável que esse processo seja, em certo modo, circular e cada vez mais acentuado conforme os filhos vão crescendo (Musitu e Cava, 2001)

Assim sendo, a interpretação que os filhos fazem das práticas educativas utilizadas pelos seus pais e os questionamentos a respeito delas podem levar os pais a revisarem algumas dessas práticas, principalmente quando os filhos são adolescentes.

No entanto, analisar essas interações de maneira precisa e objetiva supõe deparar-se com grande complexidade, em parte, devido à variedade de estratégias que os pais podem utilizar para educar os seus filhos. Por outro

lado, a influência de algumas práticas exercidas pelos pais perde-se facilmente em meio à complexidade de outras características parentais (Baldwin, 1948), ou seja, o comportamento dos pais faz parte de um conjunto muito maior, não se pode analisar uma conduta isoladamente.

Comportamentos específicos dos pais, como bater, podem trazer consequências para o desenvolvimento dos filhos, porém focar qualquer um desses comportamentos isoladamente pode levar a uma interpretação errônea (Darling e Steinberg, 1993). Uma determinada situação, em um contexto específico, não permite caracterizar a relação entre pais e filhos. É necessário que se estabeleçam certas relações constantes entre a forma como os pais atuam relativamente ao comportamento dos filhos e as diferentes situações do cotidiano para caracterizar um estilo de atuação chamado de estilo educativo parental.

Os estilos educativos parentais podem ser compreendidos como padrões de comportamento persistentes dos pais em face de diferentes formas de atuação dos filhos em situações da vida cotidiana (Caminho, Caminho e Moraes, 2003; Musitu e García, 2001).

As investigações sobre a parentalidade pretendem analisar, por um lado, a maneira como os pais educam os seus filhos e, por outro, quais as consequências que os diferentes estilos educativos têm sobre os filhos. Referentemente à primeira questão, tradicionalmente, apontam-se para duas grandes dimensões ou fatores básicos, que são independentes. O fato de serem independentes não descarta a necessidade de serem analisados conjuntamente para se determinar o estilo da relação e das suas possíveis consequências (Steinberg, 2005).

Essas duas dimensões foram identificadas como afeto e severidade (Darling e Steinberg, 1993), embora outras denominações também tenham sido utilizadas com significados semelhantes. A dimensão do afeto foi denominada como responsividade, envolvimento, aceitação, reciprocidade, comunicação aberta e bidirecional (Becker e Krug, 1964). Enquanto, exigência, controle ou rigor são algumas das denominações que também têm sido usadas para identificar a dimensão da severidade (Steinberg, 2005).

A dimensão do afeto está relacionada com a sensibilidade dos pais a respeito das necessidades dos filhos, à aceitação da sua individualidade, à demonstração de amor e carinho nas suas interações diárias. Essa dimensão mede o nível de apoio, comunicação, reflexão e afeto que os pais demonstram na relação cotidiana com os seus filhos (Axpe et al., 2019).

A dimensão de severidade se refere ao grau em que os pais utilizam o controle firme no cumprimento das regras e, se necessário, fazendo uso de sanções, para manter sempre uma posição de autoridade (Baumrind, 1991). “Esta forma de atuação pretende extinguir os comportamentos inadequados, utilizando simultaneamente ou independentemente, a privação, a coerção verbal e a coerção física” (Gracia, García e Lila, 2007, p. 33). Tal dimensão é independente da anteriormente mencionada, a do afeto. Portanto, nada se pode concluir sobre a atuação numa das dimensões sem conhecer a outra, ou seja, os pais podem ser afetuosos e responsivos com seu filho, todavia, ao mesmo tempo, serem coercitivos com ele.

Cruzando essas duas dimensões ortogonais, foram definidos quatro estilos educativos parentais, identificados como: parentalidade autorizativa (caracterizada pelo uso de afeto e severidade), parentalidade autoritária (marcada, principalmente, pelo uso de severidade e baixa em afeto), parentalidade indulgente (principalmente, evidenciada pelo uso de afeto e baixa severidade) e parentalidade negligente (definida pela falta de afeto e severidade).

Ambas as dimensões refletem dois padrões persistentes de comportamento dos pais no processo de educação (Darling e Steinberg, 1993) que, por serem independentes, não estão relacionadas. A atuação em uma delas não permite conhecer qual será a atuação da outra, mas, quando combinados entre si, possibilitam inferir o estilo educativo parental (Darling e Steinberg, 1993).

Tanto os pais autoritários quanto os autorizativos são definidos pela rigidez e imposição; entretanto, apenas o estilo parental autorizativo exerce a autoridade de maneira racional e flexível, encorajando a comunicação e a negociação com as crianças e explicando suas decisões a elas. Assim, os

pais autorizativos deixam claros os limites, utilizando a coersão se necessário, mas também demonstrando afeto e carinho para com seus filhos.

Por outro lado, pais autoritários tendem a moldar e controlar o comportamento de seus filhos sempre que possível, utilizando abordagens diretas e coercitivas, e não demonstrando carinho e afeto a eles. São pais que respondem pouco às necessidades emocionais dos filhos.

Pais indulgentes, como os autorizativos, promovem um ambiente de aceitação, diálogo e afeto. Mas, quando os filhos transgridem as normas familiares, esses pais não são impositivos, pois acreditam que os filhos podem regular seu próprio comportamento por meio do diálogo e da reflexão.

Já os pais negligentes tendem a limitar o tempo que passam em suas tarefas parentais, e muitas vezes estão focados em seus próprios interesses. Esses pais, como os autoritários, respondem pouco às necessidades emocionais de seus filhos (Baumrind, 1967; Maccoby e Martin, 1983; Steinberg, Darling e Fletcher, 1995)

Em relação à segunda questão, sobre as possíveis consequências da utilização de cada um desses estilos na adaptação pessoal e social dos filhos, de modo geral, os estudos anglo-saxônicos, apontam para um modelo de pais que reforçam o protótipo do estilo autorizativo (reconhecido pelo uso de afeto e severidade) como o mais adequado para a adaptação psicológica e social dos filhos.

Alinhados a esses resultados, vários estudos sugerem que, enquanto o estilo autorizativo é o estilo parental ideal, o estilo negligente (qualificado pela falta de afeto e severidade) está associado com a pior adaptação psicossocial de crianças e adolescentes (Aunola, Stattin e Nurmi, 2000). Já os filhos de famílias autoritárias e indulgentes se encontram numa posição intermediária, entre a melhor adaptação psicossocial de pais autorizativos e a pior de famílias negligentes (Lamborn, Mounts e Steinberg, 1991).

Entretanto, a literatura vem questionando se realmente o estilo educativo parental autorizativo é a melhor estratégia parental para todos os contextos culturais. Estudos realizados em diferentes contextos culturais começaram a

mostrar que a parentalidade indulgente (caracterizada pelo uso do afeto, mas não da severidade) leva à mesma ou melhor adaptação pessoal e social dos filhos do que a parentalidade autorizativa (definida pelo uso de afeto e também pela severidade dos pais) (Calafat et al., 2014; García e Gracia, 2010; Di Maggio e Zappulla, 2014; Martinez e García, 2008; Rodrigues, Veiga e García, 2013; Rodrigues, 2017)

Crianças e adolescentes de famílias indulgentes tiveram pontuações iguais ou melhores em resultados como a autoestima (Fuentes et al., 2015; Riquelme, Garcia e Serra, 2018; Rodrigues, Veiga e García 2013; Rodrigues, 2017) e a adaptação psicológica (Calafat et al., 2014; Garcia e Gracia, 2010; Garcia, et al, 2019).

Ademais, a indulgência dos pais oferece benefícios contra o comportamento antissocial; adolescentes de famílias indulgentes relataram baixa agressividade (Moreno-Ruiz et al., 2018; Suárez-Relinque et al., 2019).

Atualmente, Calafat et al., (2014), em um estudo comparativo de seis países europeus, incluindo Suécia e Reino Unido, descobriram que as crianças de lares com pais que tinham como forma de educar um estilo indulgente obtiveram melhores pontuações em autoestima e desempenho escolar, ainda mais positivas do que as crianças de lares com estilo educativo parental autorizativo.

Pesquisas recentes indicam que a rigidez, o controle firme e as imposições nas práticas de socialização parecem ser percebidos de forma negativa pelos filhos, e mais atenção deve ser dada ao uso de afeto, apoio emocional à criança e envolvimento na socialização infantil (Garcia e Gracia, 2014; Grusec et al., 2017; White e Schnurr, 2012).

Uma possível hipótese explicativa sobre os resultados encontrados em diferentes estudos indicando que o estilo educativo indulgente está relacionado de forma positiva à adaptação psicossocial das crianças, pode estar associado a como as crianças percebem a severidade dos pais. Os estilos parentais parecem ter um impacto diferente, dependendo da formação cultural da criança na qual ocorre a socialização parental (Darling

e Steinberg, 1993; Chao, 2001; Pinguart, 2018). Pesquisas recentes parecem sugerir que o uso da severidade está começando a ser percebido como desnecessário em um número crescente de contextos culturais diversos.

Embora não seja central para este estudo discutir a parentalidade nos diferentes contextos culturais, uma hipótese explicativa, do porquê na cultura brasileira a severidade e a coerção são percebidas pelos filhos de forma negativa, - baseando-se nos modelos transculturais sistematizados por Hofstede (1997) e mais tarde ampliado por Triandis (1995) -, o Brasil é um país coletivista horizontal. Espera-se, portanto, que a relação entre diferentes gerações seja mais igualitária do que em culturas coletivistas verticais (como a asiática ou árabe) ou individualistas (norte-americana).

Neste sentido, o uso de rigor, punição, imposição e controle é entendido pelas crianças como intromissão e coerção, e não como um componente de cuidado e responsabilidade (Dwairy et al., 2006c; García e Gracia 2009). Mesmo que as crianças tenham um vínculo afetivo seguro com seus pais, elas esperam que as relações sejam mais igualitárias.

No que se refere a parentalidade e a adaptação psicossocial e afetiva das crianças durante a pandemia da COVID19, estudada por meio dos estilos educativos parentais, ainda não foram publicados estudos que relacionem diretamente essas duas variáveis. “Considerando a rapidez do curso natural dessa doença, o que temos como forma de gerar conhecimento para ajudar nesse esforço conjunto para ajudar as pessoas e as políticas públicas são os estudos de revisões da literatura” (Linhares e Enumo, 2020, p. 2).

Nesse sentido, as autoras destacam que a fundamentação teórica conceitual da psicologia pode contribuir muito na compreensão das relações entre a pandemia e as possíveis consequências no desenvolvimento das crianças. Isso porque ainda “um corpo de conhecimentos sobre os aspectos psicológicos das pessoas, no contexto da pandemia, precisa ser construído” (Linhares e Enumo, 2020, p.2). Dessa forma, conforme as autoras, os estudos realizados na psicologia com outras variáveis psicossociais poderiam ser generalizados no entendimento desse fenômeno.

Dentro dessa lógica, pode-se entender que a utilização de práticas educativas que sejam eficazes em criar e manter uma dinâmica familiar com muito afeto e diálogo, baseada em um estilo educativo parental indulgente (evidenciado pelo uso de afeto e baixa severidade) pode estar relacionado a uma melhor adaptação psicossocial e afetiva das crianças durante a pandemia da COVID19.

Considerações Finais

A discussão feita aqui aponta questões a serem pensadas em relação à pandemia da COVID-19 e à parentalidade. Um dos aspectos levantados e defendidos por diferentes autores é o de que a parentalidade é uma tarefa complexa e desafiante, e que a família é considerada um dos mais importantes contextos de desenvolvimento. Mesmo que sua estrutura e suas funções tenham sofrido inúmeras mudanças ao longo da história, a família continua sendo uma referência importante para grande parte dos seres humanos.

Por ora, é relevante salientar que existem diversas maneiras de exercer a parentalidade e que estão fortemente baseadas em nosso sistema de valores e crenças. Diante disso, a pesquisa empírica tem mostrado repetidamente que os diferentes comportamentos dos pais no processo de educação têm múltiplas implicações para o bem-estar dos seus filhos.

No entanto, uma determinada situação, num contexto específico, não permite caracterizar de forma exclusiva a relação entre pais e filhos. É necessário que se estabeleçam certas relações constantes entre a forma como os pais atuam no que concerne ao comportamento dos filhos e as diferentes situações do cotidiano, para definir um estilo de atuação chamado de estilo educativo parental. Nesse caso, a abordagem frequentemente utilizada no estudo da influência das interações parentais no desenvolvimento das crianças é a abordagem tipológica, baseada no modelo de quatro tipologias de estilos educativos: autoritário, autorizativo, indulgente e negligente.

De acordo com a revisão da literatura, ficou evidente que um estilo educativo parental (autorizativo e/ou indulgente) calcado em demonstrações

de afeto, carinho, compreensão e apoio na interação diária relaciona-se significativamente com a adaptação psicossocial da criança.

Por outro lado, ainda existe certa discrepância na literatura referentemente ao modo como os pais devem agir, quando os filhos transgridem as normas familiares, sendo que essa forma de atuação pretende “extinguir os comportamentos inadequados, utilizando simultaneamente ou independentemente, a privação, a coerção verbal e a coerção física” (Gracia; García e Lila, 2007, p. 33).

Por um lado, a literatura aponta que o estilo educativo autorizativo é o mais adequado para educar os filhos mais bem adaptados social e psicologicamente. Os pais que utilizam esse estilo demonstram afeto, carinho, compreensão e apoio na interação diária. Contudo, dirigem as atividades dos filhos e filhas de maneira racional, incentivando o diálogo e a comunicação, partilhando o raciocínio subjacente às normas familiares e exigindo o seu cumprimento. Tais pais exercem um controle firme do comportamento dos filhos, mas levam em conta os seus interesses e direitos. Entretanto, esses pais utilizam a coerção em caso de a criança não modificar o comportamento por meio do diálogo e da negociação.

Por outro lado, vários autores, inclusive, quem escreve este artigo (Rodrigues, Veiga e García, 2013; Rodrigues, 2017), defendem um estilo educativo parental indulgente como o mais adequado. Dentro desse estilo educativo parental, os pais demonstram afeto, carinho, compreensão e apoio na interação diária. Todavia, quando os filhos transgridem as normas familiares, os pais explicam-lhes o raciocínio subjacente às regras, mas não os obrigam a cumpri-las, evitando castigar e coagir, porque acreditam que os filhos são capazes de regular o seu próprio comportamento. A disciplina está integrada pela afetividade e reflexão, podendo ser considerada uma estratégia de controle mais indireta, que incentiva a empatia com aqueles que foram prejudicados e favorece a interiorização de padrões morais (Hoffman, 1970).

Coerentes com esses resultados, vários estudos sugerem que, enquanto o autorizativo e o indulgente são os estilos educativos parentais

mais adequados, o estilo negligente está associado com a pior adaptação psicossocial das crianças. Já o estilo educativo parental autoritário se encontra em uma posição intermediária.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 mudou os paradigmas relacionados à criança, considerando-a *sujeito de direitos*, a quem deve ser assegurada a proteção integral, por sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Nesse sentido, é dever também do Estado assegurar à criança, com absoluta prioridade, o direito a ser educada em um contexto familiar que não utilize como estratégia educativa os castigos severos, a humilhação e a negligência.

Diante do exposto, pode-se constatar que a pandemia da COVID-19 escancarou a necessidade urgente de construção de políticas públicas efetivas de apoio às famílias. Isso porque a violência intrafamiliar pode afetar todas as famílias nas mais diversas condições, entretanto pode se ver agravada quando existe uma violência estrutural, ou seja, aquela que é oriunda da estrutura do Estado.

Além disso, outra possibilidade seria criar programas que auxiliem as famílias a ter conhecimento das diferentes estratégias que podem ser utilizadas para estabelecer um vínculo afetivo com os filhos, identificando padrões coercitivos intrafamiliares que podem produzir interações e comportamentos disfuncionais nos filhos.

Qualquer uma das possibilidades descritas merece um tratamento aprofundado à parte do que se propõe neste trabalho. As investigações, sobretudo no campo da Psicologia e da Educação, não apresentam uma resposta conclusiva aos problemas levantados, no entanto constituem um contributo e um incentivo ao prosseguimento do estudo das questões formuladas.

Referências

AUNOLA, Kaisa., STATIN, Hakan.; NURMI, Jari-Erik. E. Parenting styles and adolescents achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222,

2000. Disponível em: [10.1006/jado.2000.0308](https://doi.org/10.1006/jado.2000.0308). Acesso em: 21 de setembro 2020.

AXPE, Inge et al. Parental Socialization Styles: The Contribution of Paternal and maternal affect/communication and Strictness to Family Socialization Style. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 2019, 16, 2204. Disponível em: [10.3390/ijerph16122204](https://doi.org/10.3390/ijerph16122204). Acesso em: 24 de setembro 2020.

BALDWIN, Alfred, L. Socialization and the parent-child relationship. *Child Development*, Washington, DC, 19, 127-136. 1948.

BAUMRIND, Diana. The influence of parenting style on adolescent competence and substance abuse. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-94. 1991. Disponível: <https://doi.org/10.1177/02724316911111004>. Acesso 27 setembro 2020.

BAUMRIND, Diana. Child cares practices anteceding three patterns of preschool behaviour. *Genetic Psychology Monographs*, Washington, DC, 75, 43-88, 1967.

BARROSO, Ricardo, G.; MACHADO, Carla. Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psicologica*, n. 52-I, p. 211-229, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10. Acesso em 10 de outubro 2020.

BECOÑA, Elisardo., et al. Parental styles and drug use: A review. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 19, 1-10. Dezembro 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/09687637.2011.631060>. Acesso em 24 de setembro 2020.

BECKER, Wesley, C.; KRUG, Ronald, S. A circumplex model for social behavior in children. *Child Development*, 35(2), 371–396, Washington, DC, 1964.

Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1965-04526-001>. Acesso em 02 de setembro 2020.

CALAFAT, Amador et al. Which parenting style is more protective against adolescent substance use? Evidence within the European context. *Drug and Alcohol Dependence*, 138, 185-192, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2014.02.705>. Acesso em: 19 de setembro 2020.

CAMINO, Cleonice; CAMINO, Leoncio; MORAES, Raquel. Moralidade e socialização: Estudos empíricos sobre práticas maternas de controle social e o julgamento moral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 41-61. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100006>. Acesso em 20 de outubro.

CHAO, Ruth. K. Extending research on the consequences of parenting style for Chinese Americans and European Americans. *Child Development*, 72, 1832-1843. Novembro, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00381>. Acesso em: 05 setembro de 2020.

CRUZ, Orlanda. *Parentalidade*. 2 ed. Coimbra: LivPsic, 2013.

CRUZ, Orlanda et al. Questionário de Estilos Educativos Parentais(QEEP). *Psicologia e Educação*, Lisboa 5(1), 63-75, setembro, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1453>. Acesso em: 12 de outubro 2020.

DARLING, Nancy; STEINBERG, Laurence. Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*. Washington, DC, 113, 487-496, julho, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>. Acesso em: 12 de outubro 2020.

DI MAGGIO, Rosanna.; ZAPPULLA, Carla. Mothering, fathering, and Italian adolescents' problem behaviors and life satisfaction: Dimensional and typological approach. *Journal of Child and Family Studies*, 23, 567-580, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9721-6>. Acesso em: 15 de outubro 2020.

DE LA IGLESIA, R. Yara. *Estilos educativos parentais, valores e autoconceito de adolescentes: um estudo transcultural*. 2017, 341. Doutorado em Educação. Especialidade em Psicologia da Educação. Universidade de Lisboa. Lisboa.

DWAIRY, Marwan., et al. Parenting styles, individuation, and mental health of Arab adolescents: A third crossregional research study. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37, 262- 272. Maio, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022022106286924>. Acesso em: 20 de outubro 2020.

FIOCRUZ, Ministério da Saúde, Cartilha Criança na pandemia – Série: Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19. abril, 2020. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf. Acesso em: 07 de outubro 2020.

FLEMING, Manuela. *Adolescência e Autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. 1 ed. Porto: Edições Afrontamento. 1993.

FUENTES, M. C. et tal. Parental socialization styles and psychological adjustment. A study in Spanish adolescents. *Revista de Psicodidáctica*, 20, 117-138, 2015. Disponível em: <https://ojs.ehu.eus/index.php/psicodidactica/article/view/10876>. Acesso em: 27 de outubro 2020.

GARCÍA, Fernando; GRACIA, Enrique. Is always authoritative the optimum parenting style? Evidence from Spanish families. *Adolescence. Scholarly Journals*. 44, 173, 101-131, 2009. Disponível em: <http://search.proquest.com/docview/621909838>. Acesso em: 08 de outubro 2020.

GARCÍA, Fernando; GRACIA, Enrique. ¿Qué estilo de socialización parental es el idóneo en España? Un estudio con niños y adolescentes de 10 a 14 años. [What is the optimum parental socialisation style in Spain? A study with children and adolescents aged 10-14 years]. *Infancia y Aprendizaje*, 33, 365-384, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1174/021037010792215118> . Acesso em: 16 de outubro de 2020.

GARCÍA, Fernando; GRACIA, Enrique. The indulgent parenting style and developmental outcomes in South European and Latin American countries. In H. Selin (Ed.), *Parenting across cultures: Childrearing, motherhood and fatherhood in non-Western cultures (Science Across Cultures: History and Practice)*. Vol. 7, 419-433. Dordrecht, Netherlands: Springer. Setembro 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-007-7503-9_31. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

GARCIA, Fernando et al. A third emerging stage for the current digital society? Optimal parenting styles in Spain, the United States, Germany, and Brazil. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(2333), 1-20, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph16132333> . Acesso em: 08 de setembro 2020.

GRACIA, Enrique.; GARCÍA, Fernando.; LILA, Marisol. *Socialización familiar y ajuste psicosocial: Un análisis transversal desde tres disciplinas de la pedagogía*. 1ed, Espanha, Universidad de Valencia, 2007.

GRECHYNA, Daryn. Health. Threats Associated with Children Lockdown in Spain during COVID-19. I10, I18, H12. Abril, 2020. University of Granada. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3567670> . Acesso em: 12 de setembro de 2020

GRUSEC, Joan et al. Perspectives on parent discipline and child outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, 41, 465-471. Junho 2017 .

Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0165025416681538>. Acesso em 19 de outubro 2020.

HOFFMAN, Martin L. *Desarrollo Moral y Empatía*. 4 ed. Barcelona: Idea Books, S.A. 2000.

HOFSTEDE, Geert. *Cultures and organizations: Software of the mind*. London: McGraw-Hill. 1997.

JIAO, W. Yan., et al. PETTOELLO-MANTOVANI, M.; SOMEKH, E. Behavioral and Emotional Disorders in Children during the COVID-19 Epidemic. *The Journal of pediatrics*, 221, 264 -266.e1, March 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2020.03.013>. Acesso em: 10 de out. 2020.

LAMBORN, Susie, D. et al. Pattern of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065, 1991. Disponível em: [10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x). Acesso em: 29 setembro 2020.

LIU, Jia, Jia et al. Mental health considerations for children quarantined because of COVID-19. *The Lancet. Child & adolescent health*, 4(5), 347–349. Maio 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30096-1](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30096-1). Acesso em: 03.out. 2020

MACCOBY, Eleanor. Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, v.51:1-27. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.51.1.1>. Acesso em: 07 de agosto. 2020.

MACCOBY, Eleanor. E.; MARTIN, John. Socialization in the context of the family. Parent-child interaction. In P. H. Mussen & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of child psychology. Socialization, personality and the social development*. 4. ed., pp. 1-102. New York, NY: Wiley. 1983.

MARQUES, Emanuele Souza et al. *A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento*. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, p. e00074420, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00074420>. Acesso em 13 out 2020.

MARTÍNEZ, Isabel; GARCÍA, J. Fernando. Internalization of values and self-esteem among Brazilian teenagers from authoritative, indulgent, authoritarian, and neglectful homes. *Adolescence*, 43(169), 13-29, 2008. Disponível em: <https://search.proquest.com/docview/60312696> . Acesso em: 16 outubro 2020.]

MORENO-RUIZ, David. Parenting style and reactive and proactive adolescent violence: Evidence from Spain. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(2634), 1-13. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph15122634>. Acesso em: 16 de outubro.

MURATORI, Pietro.; CIACCHINI, Rebecca. Children and the COVID-19 transition: psychological reflections and suggestions on adapting to the emergency. *Clinical Neuropsychiatry*, 17(2), 131-134. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36131/CN20200219>. Acesso em: 21 de outubro 2020.

MUSITU, Gonzalo.; CAVA Maria. Jesús. *La familia y la educación*. Barcelona: Octaedro. 2001.

MUSITU, Gonzalo.; GARCÍA, J. Fernando. *Escala de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29)*. Madrid: TEA. 2001.

KUCZYNSKI, Leon.; GRUSEC, Joan. E. Future directions for a theory of parental socialization. In J. E. Grusec & L. Kuczynski (Eds.), *Parenting and children's internalization of values*. New York, NY: John Wiley & Sons. 1997.

LINHARES, Maria. B. M.; ENUMO, Sonia. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 2020, 37, e200089. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>. Acesso em: 12 setembro 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia*. Washington: Disponível em: <http://www.paho.org/bra/index.php?option=comcontent&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812>. Acesso em 27 de setembro 2020.

PINQUART, Martin; KAUSER, Rubina. Do the associations of parenting styles with behavior problems and academic achievement vary by culture? Results from a meta-analysis. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 24, 75-100, Jan, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/cdp0000149>. Acesso em: 02 de outubro 2020.

PALACIOS, Jesús; MORENO, M. Carmem. Contexto familiar y desarrollo social. In M. J. Rodrigo (Ed.), *Contexto y desarrollo social*. 157-188. Madrid: Síntesis. Espanha, 1994.

RIQUELME, Maria., GARCIA, Oscar F.; SERRA, Emilia. Psychosocial maladjustment in adolescence: Parenting styles, self-esteem and substance use. *Anales de Psicologia*, 34, 536-544.2018. Disponível em: <https://doi.org/10.6018/analesps.34.3.315201>. Acesso e: 24 de setembro 2020.

RODRIGUES, Yara; VEIGA, Feliciano; GARCÍA, Fernando. Parenting and Adolescents' Self-esteem: The Portuguese Context//Parentalidad y autoestima em la adolescência: El contexto portugués. *Revista de Psicodidáctica*. Comunidad Valenciana. 18, 2, 395-416, março, 2013. Disponível em: .

<https://doi.org/10.1387/RevPsicodidact.6842>. Acesso em: 27 de setembro 2020.

TRIANDIS, Harry. Charalambos. Individualism and collectivism. Boluder, CO: Westview. 1995

SCHAFFER, Heinz. R. Interacción y socialización, Madrid: Aprendizaje Visor. 1989.

STEINBERG, Laurence. Psychological control: ¿Style or substance? In J. G. Smetana (Ed.), New directions for child and adolescent development: Changes in parental authority during adolescence. 71-78. San Francisco, CA: Jossey-Bass. 2005.

STEINBERG, Laurence, DARLING, Nancy; FLETCHER, Anne. C. Authoritative parenting and adolescent adjustment: An ecological journey. In P. Moen, G. H. Elder Jr., & K. Luscher (Eds.), Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development. pp. 423-466, Washington, DC: American Psychological Assn, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/10176-012>. Acesso em 19 de setembro 2020.

SUÁREZ-RELINQUE, Cristian. Child-to-parent violence: Which parenting style is more protective? A study with Spanish adolescents. International Journal of Environmental Research and Public Health, 16, 1-14, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph16081320>. Acesso em 18 setembro 2020.

UNICEF. Crianças e adolescentes estão mais expostos à violência doméstica durante pandemia. Comunicado de imprensa. 28 maio de 2020. em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-e-adolescentes-estao-mais-expostos-a-violencia-domestica-durante-pandemia>. Acesso 07 de outubro de 2020.

WHITE, Jill.; SCHNURR, Melissa. P. Developmental psychology. In F. T. L. Leong, W. E. Pickren, M. M. Leach, & A. J. Marsella (Eds.), Internationalizing the psychology curriculum in the United States. International and Cultural Psychology, pp. 51-73. New York, NY: Springer Science+Business Media, 2012. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2012-04148-004>. Acesso em: 19 de setembro de 2020.

Submetido em: 07/11/2020

Aceito em: 18/01/2021

Publicado em: 02/02/2021